



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
GRADUAÇÃO EM BACHARELADO EM HUMANIDADES**

DÉBORA MENEZES RIBEIRO

**SABER-DO-CORPO NA CONTEMPORANEIDADE:
CARTOGRAFIA E DANÇA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

DÉBORA MENEZES RIBEIRO

**SABER-DO-CORPO NA CONTEMPORANEIDADE:
CARTOGRAFIA E DANÇA**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Professora Dra. Elizia Cristina Ferreira

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

DÉBORA MENEZES RIBEIRO

**SABER-DO-CORPO NA CONTEMPORANEIDADE:
CARTOGRAFIA E DANÇA**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 26/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof(a) Dr(a): Elizia Cristina Ferreira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Examinador (a): Prof(a): Carolina de Paula Diniz
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Examinador (a): Prof(a) Dr(a): Cleber Daniel Lambert da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	REFERENCIAL TEÓRICO	7
3	HIPÓTESE	11
4	JUSTIFICATIVA	12
5	OBJETIVOS GERAIS	12
5.1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
6	METODOLOGIA	13
7	CRONOGRAMA	15
	REFERÊNCIAS	16

1 INTRODUÇÃO

*Triste louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve
mudar
Que um homem não te
define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
(Francisco, El Hombre)*

Com a pesquisa busca-se colaborar com estudos existentes e gerar reflexões acerca de como pensamos o nosso corpo, dentro da construção social em que o corpo é sustentado por informações e discursos transmitidos principalmente pelas mídias, que ofuscam os saberes próprios das sensações e os substituem por modelos e padrões de adequação. Interessa investigar como essa “substituição” afeta, contamina a experiência subjetiva de mulheres¹ na contemporaneidade; como essa contaminação interfere na maneira como pensamos, vivemos nosso corpo; quais sensações são geradas no corpo por conta dessas imposições, interferências, construções; e investigar a dança contemporânea como alternativa, linguagem para passagem de novos afetos.

Sabemos da facilidade do acesso à informação, sobre os mais variados temas, que a internet nos proporciona – principalmente através das mídias sociais. “A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie” (ROLNIK, 1997, p.01) Trocamos todo o tipo de informação, imagens, vídeos, eventos, entretanto “no lugar do conhecimento sobre o corpo que se esperaria, o que o volumoso jorro de discursos a seu respeito tem sido produzido é um ameaçador aumento de controle.” (KATZ, 2011, p.19) Controle das partes, controle do todo e controle das

¹ Interessa destacar que o recorte da pesquisa direcionado as mulheres, não significa dizer que homens não enfrentem tais questões, no entanto, trago experiências da minha condição de mulher, do que sinto e posso falar.

subjetividades. Algumas dessas informações estruturam nossas relações e o olhar sobre o outro na medida em que nos “preenche” com

kits de perfis-padrão [...] para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (ROLNIK, 1997, p.01)

Os perfis que estão sendo construídos e reafirmados a todo o momento nas mídias parecem nos direcionar a redução da pessoa a sua imagem. Um tipo de aparência ou tipo de corpo produzido. Esse corpo veiculado e exigido como padrão de beleza, soa mais como uma imagem, uma aparência de pessoa – com comportamentos, gestos, conduta bem delimitada - do que ser vivente. Com isso, podemos estar vivendo o corpo de maneira automática, em busca da melhor aparência, do corpo perfeito. Esse “corpo perfeito” que serve como modelo de corpo, que as mulheres, em geral, são incentivadas, cobradas, a seguir, almejar ter (ser) uma imagem ou cópia, da classe branca dominante. O padrão é: magra ou “sarada” (corpo moldado com exercícios para definição e/ou aumento de massa muscular), “bem vestida”; que indique o gênero, a classe; que seja um produto a serviço do consumismo e do capitalismo. Esse corpo padronizado é constantemente modificado por exercícios físicos, alimentação diferenciada, cirurgias para alteração – modelação - e tratamento para correção da imagem através de programas gráficos. “Não se trata mais de aceita-lo como ele é, mas sim de corrigi-lo e reconstruí-lo.” (BARBOSA; MATOS & COSTA, 2011, p.31)

Com efeito, os padrões nos ensinam a buscar ser um tipo de corpo que, praticamente, não existe. Que implicações existem ou se formam ao almejar ser um corpo, que para existir, tal como a mídia nos apresenta, precisamos construir? E quando não é possível ou não temos acesso financeiro aos meios de transformação? E quando não consideramos esses enquadramentos necessários?

Para compreender os efeitos de tais imposições ao “corpo aparente” (a porção que expomos e percebemos no outro) é interessante recorrer a outra noção de corpo: o corpo que vibra. O corpo aparente difere, mas não se separa do corpo vibrátil, (o corpo que somos - o corpo que sente os efeitos dessas imposições de corpo aparente), pois a “pele não é uma cerca, um muro que separa informações dentro das informações fora” (KATZ, 2010, p.14) estamos em relação com o ambiente e com o outro, no entanto, uma percepção particular me leva a sentir o corpo que sou preso sob o corpo aparente, sob a mecânica de movimentos da vida cotidiana, atada a separação corpo e mente, sufocado nas impossibilidades de expressões da

diversidade humana, uma vez que aprendemos a nos enquadrar em modelos, padrões, referências anteriores que forneçam algum sentido a nossa experiência visível.

A partir da vivência dos entraves, conflitos, com o atual contexto das imposições de adequação nos padrões de corpo e identidade de gênero, foi possível sentir, perceber efeitos (afetações) de desterritorialização, um não lugar do corpo. O desconforto de estar entre a consciência dos padrões e a simultânea impossibilidade de adequação e de fuga dos mesmos. Quando as informações expostas no corpo aparente diferem dos padrões e os enquadramentos são reclamados por nós mesmas e por outras (os). “É a desestabilização exacerbada de um lado e, de outro, a persistência da referência identitária, acenando com o perigo de se virar um nada, caso não se consiga produzir o perfil requerido para gravitar em alguma órbita”. (ROLNIK, 1997, p.02) O território conhecido - dos padrões - vai “perdendo a força do encantamento”. (ROLNIK, 2011, p.36) Tanto as sensações como a aparência de corpo perdem o sentido quando o corpo que se é não encontra lugar e “precisa” ceder ao corpo aparente.

Tais experiências tendem então a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. [...] o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático. Para proteger-se da proliferação das forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos. (ROLNIK, 1997, p.02)

Supondo que na busca por ser uma imagem (única e modelar) de corpo nos afastamos do corpo que somos ao reproduzirmos padrões, comportamentos, gestos, movimentos de maneira automática deixando, talvez, de pensar tais ações enquanto ações com o corpo. Sensações são afastadas ou confundidas uma vez que em circunstância de desterritorialização somos “tomados por um estado que não tem nem imagem, nem palavra, nem gesto que lhe correspondam” ou expliquem. É no corpo que todos esses entraves acontecem, ganham espaço e perdem sentido ao mesmo tempo, um estado que “é real e apreensível por este modo de cognição que denomino “saber-do-corpo””, (ROLNIK, 2016) mas não encontra expressão. Essa desconexão dificulta a saída desse estado e a criação de outros, um ciclo sem fim.

Com isso, vislumbrando a possibilidade de, através do conhecimento próprio do corpo, suas sensações e instabilidades, desanestesiando a vibratibilidade brecada, procuramos investigar a dança contemporânea como alternativa na saída desse “estado de imagem” (em que a imagem se “essencializa” substituindo o ser), comportamentos definidos e movimentos rotineiros que não exigem o pensar com o corpo (por movimentos rotineiros refiro os movimentos que executamos de forma tão automática que praticamente não sentimos - levantar da cama,

escovar os dentes, vestir uma roupa, cortar o pão). Para estes hábitos, a dança contemporânea apresenta-se como possível meio de suspensão, propondo outras linguagens expressas através desta forma de arte. Pois como aponta Rolnik, “ao que parece é primeiro em microuniversos culturais e artísticos que relações de força inéditas ganham corpo e, junto com um corpo, sentido e valor.” (ROLNIK, 1997, p.27)

Dessa forma, a proposta da pesquisa é interdisciplinar, de caráter qualitativo e interroga o saber-do-corpo numa perspectiva filosófica com a questão “como pensamos o nosso corpo?” que suponho estar, nos tempos atuais, pautado mais no “corpo aparente” do que no corpo que vibra, que apreende as forças; “O tempo, agora, é o da inversão: a imagem passou a ser a coisa” (KATZ, 2011, p.19).

Para tal, examinamos duas perspectivas de corpo: a Teoria Corpomídia de Helena Katz e Christine Greiner, que pensam o corpo formado por um conjunto de informações, uma coleção de dados - “a informação torna-se corpo” (KATZ, 2011, p.69); e a noção de Corpo Vibrátil de Suely Rolnik que “nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações”, (ROLNIK, 2011, p.12). Essa última fornecerá o embasamento na compreensão de inquietações geradas de sensações que vivenciei por motivo de imposições de padrões de corpo e comportamento, contidos na sociedade e propagados nos meios de comunicação. Quais sensações são geradas em nossos corpos por tais imposições? Como a determinação de como devemos ser nos afeta? Se estivermos nos compreendendo enquanto imagem, como nos pensar enquanto corpo?

Na identificação dessas sensações, intensidades, utiliza-se a Cartografia Sentimental, também da pensadora Suely Rolnik que possibilita e colabora na compreensão do que no corpo continua sem explicação e indica a possibilidade de ligação com a dança contemporânea, por ser a dança contemporânea incentivadora de ações e pensamentos com o corpo fora do tempo marcado e coreografias previamente estabelecidas, instigando com isso movimentos e expressões próprias do corpo das (os) dançantes viabilizando a construção de novas linguagens e passagem dos afetos para a criação de novos territórios.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para esta pesquisa será constituído, inicialmente, por autoras que pensam a construção do corpo, seus padrões e o olhar sobre ele nas sociedades de ontem e de

hoje, discutindo mudanças na noção de corpo derivada das mudanças de discurso que possibilita refletir quanto aos conhecimentos sobre corpo como forma de controle na medida em que oculta aspectos e privilegia ou direciona o pensamento para outros, assim como a participação da mídia na domesticação da percepção do corpo com a proliferação de imagens de corpo e a relação de sentido entre corpo e ambiente, que indica a constante influência do meio na transformação do corpo e manutenção de padrões.

Nessa perspectiva, a contribuição de autoras como Barbosa, Matos e Costa (2011), Greiner (2009), Katz (2008, 2010, 2011), Bardet (2017) e Rolnik (1997, 2011, 2016) tornam-se fundamentais para refletir padrões e funções que acompanham o corpo na história e se instala hoje na nossa experiência subjetiva, ponderar a coleção de informações que constitui o corpo mesmo não sendo sinônimo de elucidação e sua contribuição no direcionamento da percepção aos aspectos mais visíveis, a aparência, bem como mapear as sensações e afetos produzidos no movimento de desterritorialização e composição de novos territórios através da dança contemporânea.

No que se refere ao corpo na história Barbosa, Matos e Costa (2011) fornecem uma síntese da Grécia a contemporaneidade apresentando variados padrões de culto ao corpo e beleza, bem como comportamento e funções.

Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres. (BARBOSA; MATOS & COSTA, 2011; p.24)

O que permite captar que, desde muito tempo o corpo, nosso corpo segue padrão e o da imagem perfeita é um deles.

O estudo dos artigos de Helena Katz e Christine Greiner, além da possibilidade de olhar o corpo na perspectiva da Teoria corpomídia, colabora com os questionamentos sobre o tipo de conhecimento que é produzido sobre o corpo na contemporaneidade, que indica uma produção, tanto de informações como de imagem, a serviço do controle.

Na Teoria Corpomídia, “o corpo deixa de ser tratado como um meio atravessado por informações que serão expressas depois de processadas para ser entendido como uma automídia. (KATZ e GREINER, 2001, 2003, 2005)” (KATZ, 2008, p.69) Nessa perspectiva “torna-se possível dizer que perceber um corpo é notar determinada coleção de informações” (KATZ, 2008, p.70). Com isso as informações que percebemos, no primeiro momento, estão

na porção aparente de nós, nossa aparência em si mesma, roupas, cabelo, acessórios, comportamentos.

A relação estabelecida entre Teoria Corpomídia e corpo aparente parece possível na medida em que o corpo aparente é construído, reformulado, moldado, disciplinado através de um conjunto de informações que se transformam em corpo. A teoria corpomídia “troca o ser (o corpo é) pelo verbo estar (o corpo está) [...], portanto, [o corpo] está sempre trocando informações com o ambiente no qual se encontra, transformando-se e transformando o ambiente”. (KATZ, 2010, p.14)

A hipótese colocada nessa relação – corpomídia e corpo aparente – que interessa pensar, questionar, é que as informações contidas nos ambientes que nos relacionamos constroem, em nós, uma redução da pessoa a sua aparência ou redução de pessoa a uma imagem de pessoa: “a separação entre imagem e coisa, representação e realidade, tornou-se obsoleta”. (KATZ, 2011, p.19)

Para KATZ, quando falamos ‘corpo’, tratamos de conhecimentos e imagens produzidas, por áreas diversas do conhecimento e pelos meios de comunicação, que não são necessariamente esclarecedoras. “O que deve ser feito para conseguir ver o que não está visível no assunto corpo?”. (2011, p.20)

Para a discussão acerca do que não está visível no corpo - o universo das sensações que percorrem e constitui o nosso corpo - o conceito de corpo vibrátil de Rolnik (2011) fornece suporte que permite refletir sobre o que nos afeta nos padrões e como respondemos a isso. Este conceito é mobilizado para fornecer caminhos e encontros entre teoria e experiência, em virtude das inquietações mobilizadoras da pesquisa que ativaram, incomodaram, meu corpo encontram explicação, sustentação teórica e passagem no, e pelo, corpo que vibra, na prática. Uma capacidade até então “desconhecida”.

Segundo pesquisas recentes, cada um dos nossos órgãos dos sentidos é portador de uma dupla capacidade, uma cortical e outra subcortical. A primeira corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhe atribuir sentido. Essa capacidade, que nos é familiar, é, pois, associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem. Com ela, erguem-se as figuras do sujeito e objeto, as quais estabelecem entre si uma relação de exterioridade, o que cria as condições para que nos situemos no mapa de representações vigentes e nele possamos nos mover. (ROLNIK, 2011, p. 12)

Nessa primeira capacidade, interessa pontuar que a percepção, que nos permite apreender o mundo, nos situa nos padrões; conhecemos e reconhecemos esse corpo aparente através das novelas, filmes, músicas, revistas, propagandas - mídias de massa, mídias sociais.

Já a segunda capacidade, que por conta de sua repressão nos é mais desconhecida, nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura do sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo. (ROLNIK, 2011, p. 12)

ROLNIK (2011) chama essa segunda capacidade de “corpo vibrátil”. Que compreendemos como o corpo que vivencia o cotidiano, que recebe as impressões e representações em vigor nas sociedades e por elas são afetado, contaminado; o corpo que somos.

Na relação do corpo aparente e corpomídia direcionamos a reflexão quanto a informações, padrões e imagens de pessoa produzidas em nós e para nós; o corpomídia e o corpo vibrátil correlacionam-se na compreensão das influências do ambiente-corpo-ambiente, o outro em nós. Na hipótese de estarmos, atualmente, nos reduzindo (nós mesmas (os) e aos outros) a imagem de corpo aparente com incentivo do consumismo de imagens e identidades, o conceito de corpo vibrátil orienta a reflexão acerca da pessoa, do ser vivente, que compõe a imagem e por ela é afetada.

Com apoio teórico de Rolnik (1997, 2011), além do conceito de corpo vibrátil, investigamos o movimento de desterritorialização: “territórios perdendo a força de encantamento; mundos que se acabam; partículas de afeto expatriadas, sem forma e sem rumo”. (2011, p.36-37) Na impossibilidade de alcançar o corpo “perfeito” ou se adequar a padrões de comportamento imposto, o estado de desterritorialização pode nos levar, como uma saída reativa, a consumir outros padrões que forneçam sentido, possivelmente os padrões mais publicizados. Na insistência da troca de sensações por uma identidade, representação, aparência preconcebida deixa-se de criar novas cartografias culturais com a domesticação desses efeitos. Vale ressaltar que as cartografias culturais tem relação direta com o movimento de desterritorialização na medida em que as alterações dos processos de interações, normas de conduta, avanços tecnológicos, modificam-se ao longo do tempo transformando as relações e seus sentidos, no entanto alguns padrões, em especial os relacionados à fixação de identificação de gênero na aparência e padrões de corpo, continuam presentes em todas as esferas da sociedade em ambientes macro e micro nos exigindo ajustamentos.

Rolnik aponta caminhos para, ao invés de substituir a sensação, aprender com ela na continuação nesse estado de desestabilização para, nas

tentativas de aliar-se com as forças da processualidade: identificar os pontos de desestabilização das formas instituídas, [...] de estar à escuta do mal-estar mobilizado pela desestabilização em nós mesmos, da capacidade de suportá-lo e improvisar formas que dêem sentido e valor àquilo que esta incômoda sensação nos sopra. Aqui não se trata mais de alucinar um dentro para sempre feliz, mas sim de criar as condições para realizar a conquista de uma certa serenidade no sempre devir outro. [...] nos prover de recursos cartográficos que nos ajudem a inventar formas mais de acordo com o que os novos diagramas nos exigem. Senão nossas cartografias correm o risco de passar ao largo das mudanças já ocorridas na paisagem subjetiva contemporânea. (ROLNIK, 1997, p.6)

Assim, o presente projeto traz a proposta de pesquisar o tema em questão, com base em referências teóricas e pesquisa empírica, que suscite o avanço de novas pesquisas, capazes de contribuir para a construção de reflexões sobre o corpo, os padrões presentes na sociedade e suas consequências em nós.

Com isso, os conceitos e suas respectivas autoras proporcionam efetiva contribuição na construção do pensar o corpo que é perpassado por conhecimentos e aprendizados de cunho social, informativo-midiático, aparente-imagético, sobretudo (des) conhecimentos de ordem vibrátil, mirando para os objetivos que se espera obter com esta pesquisa.

3 HIPÓTESE

Decorrente da questão da pesquisa, hipóteses nortearão o desenvolvimento da investigação aqui proposta. Essas hipóteses são tanto interpretativas para os conceitos principais de trabalhos tais como aparecem nas autoras investigadas, como também apontam para possibilidades de ir além do que foi por elas pensado, sobretudo, ao propor a dança contemporânea como um caminho possível para ativação do corpo vibrátil, do saber do corpo. Pretendo investigar as seguintes possibilidades:

- O movimento da desterritorialização pode ser pensado como perda de sentido das representações vigentes e o desconhecimento de sensações geradas em nosso corpo, que aparece quando ficamos no entre-lugar da consciência dos padrões e a simultânea impossibilidade de adequação e de fuga dos mesmos acontece.
- A imagem tem sido colocada como uma ideia, como uma essência a ser cumprida, então nesse jogo de imagens há uma confusão entre aparência e essência em que a primeira é colocada como sendo a segunda, porém, o problema não é essa confusão, ele é mais radical, é a postulação de uma

essência, de um ideal. A questão não é descortinar uma essência do que seria o corpo no lugar dessa aparência, por isso a cartografia como método. Pretendo pensa-la como uma possibilidade de composição de diagrama de realidades, o mergulho nas intensidades como força criadora de novos mundos para os sujeitos, sem essencializar ou generalizar.

- Por fim, verificar como a dança contemporânea aparece como possibilidade expressiva e de reencontro com saber-do-corpo.

4 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica no atual cenário social, político e econômico, pois busca ensejar um novo olhar sobre o corpo, os padrões e suas consequências. Esta pesquisa iniciou-se a partir de inquietações íntimas, no momento em que os efeitos de imposições de padrão, de corpo e comportamento, foram percebidos em meu corpo em forma de sensações sem palavras de expressão. Por permanecer na desestabilização desse impasse expressivo, e reconhecer a importância da saída desse estado que pode estar causando muitos danos a nossa subjetividade contemporânea e com isso a sociedade como um todo.

Estamos no momento do aumento de padrões de beleza e comportamento, de proliferações de imagens nas mídias sociais – imagens de corpos perfeitos, imagens perfeitas; e incompreensões sensíveis de muitas ordens.

Em razão disso, a pesquisa visa relacionar esses fenômenos – imposição, padrão, – com o movimento de desterritorialização e suas consequências para poder refletir sobre as sensações geradas (desestabilização) bem como indicar, através da dança contemporânea, linguagem que expresse o que nessas sensações são geradas.

5 OBJETIVO GERAL

A pesquisa tem como objetivo geral lançar reflexões a cerca de como pensamos nosso corpo, sobre os efeitos de padrões de corpo e comportamento, investigar se as sensações geradas no corpo a partir das imposições de padrões de corpo e comportamento encontram passagem na dança contemporânea pela suspensão de hábitos cotidianos na medida em que serve como linguagem, germinando o saber com o corpo, o pensar corporalmente.

5.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as modalidades de padrões;
- Cartografar as intensidades (desterritorialização - o não lugar) com apoio teórico e empírico;
- Do ponto de vista teórico, gerar reflexões sobre informações que compõe a construção de padrões; como essas informações se transformam em corpo; como o corpo reage a tais imposições;
- Do ponto de vista empírico, fornecer dados que corroboram com o ponto de vista teórico.

6 METODOLOGIA

A pesquisa interdisciplinar de caráter qualitativo e multi-metodológico. Dividida em dois momentos: a) métodos utilizados para a pesquisa exploratória na construção deste projeto; b) métodos que serão utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Para os dois momentos a pesquisa bibliográfica, a cartografia sentimental e a experimentação com dança contemporânea, serão aplicados. Para o momento de desenvolvimento da pesquisa pretendemos acrescentar a entrevista para coleta de dados e verificação de “aceitação/aplicação/utilidade/afetação” da pesquisa. No entanto as definições serão decididas no futuro. Na fase exploratória do projeto a cartografia e a experimentação apontam possibilidades para a execução exitosa da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica forneceu poucas referências diretamente focadas no que interessa pesquisar, contudo se mostrou acessível em variadas áreas do conhecimento - teóricas da psicologia, psicanálise, comunicação, dança e filosofia, sobretudo - que produzem a respeito do assunto corpo conhecimentos que interessa investigar, pois todos os processos descritos e relacionados, acontecem no corpo, é produzido por uma pessoa que é corpo, geram efeitos que reverberam no corpo. Com isso “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem” (LAKATOS e MACONI, p.183). As fontes utilizadas foram livro, artigos, entrevistas, publicações e experiências empíricas.

A pesquisa cartográfica empreendida baseia-se no livro, “Cartografia Sentimental Transformações Contemporâneas do Desejo”, de Suely Rolnik. No prefácio a autora situa a leitora (o) sobre a importância da investigação iniciada nos anos de 1970 quando diz

descobri ali [no livro] um registro do início do trabalho de investigação que venho empreendendo [...] em torno da *micropolítica*, [...] das questões que envolvem processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva. [...] pela necessidade de enfrentar a difícil elaboração conceitual e existencial [...] nos embates entre as forças que permeiam a realidade. (ROLNIK, 2011, p11)

Os embates que ela trata são os da mudança na experiência subjetiva de mulheres nos anos 80, para a pesquisa desenvolvida os embates pesquisados são as forças das imposições sociais em nós; as construções que carregamos e nos empurra para uma identidade fixada; e a perda de sentido das imposições, das construções e das possibilidades de saída dos padrões; tudo isso acontecendo simultaneamente. “O empreendimento tornava-se indispensável pelo desejo de superar os resquícios dessa herança que ainda hoje nos estrutura e que nos faz alucinar paraísos e perder o pé nos processos reais.” (ROLNIK, 2011, p.11)

Para este método cartográfico é necessário ativar o olho do corpo vibrátil e o olho da percepção e a “tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação [...] nos coloca em crise e nos impõe [...] criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações que dispomos” (ROLNIK, 2011, p.11)

Com isso, foi possível identificar os embates e perceber as sensações intransmissíveis – a desestabilização, desterritorialização, o não lugar do corpo - gerada no entre lugar da consciência dos padrões e a simultânea impossibilidade de adequação e de fuga dos mesmos. Nesse caso a cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos” (ROLNIK, 2011, p.23)

Nesse sentido, a experimentação com a dança contemporânea surge enquanto possibilidade, como menciona Bardet: “*la práctica de la danza es la manera de apreender aquellas preguntas filosóficas sobre las relaciones, la materia, los vínculos y los géneros*” (BARDET, 2017, p.06), expressar afetos e construir passagem com essa linguagem.

Para o desenvolvimento da pesquisa se faz necessário o aprofundamento conceitual e existencial na cartografia e na dança contemporânea, para buscar o movimento do desejo e testar sua passagem expressiva pela dança contemporânea, bem como as entrevistas ou grupo focal que se pretende conhecer os embates que outras mulheres enfrentam com o tema

padrões de beleza, se para elas ocorrem a perda de sentido ou a sensação intransmissível, e se a dança contribuiria na passagem desses afetos.

7 CRONOGRAMA

PERIODO	2017	2018	2019	2020
Atividades: Experimentação com dança contemporânea	X	X		
Revisão de literatura		X		
Eixos teóricos para definição dos capítulos		X	X	X
Análise de dados			X	
Redação Final				X
Entrega				X

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, MR, MATOS, PM, e COSTA, ME. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e sociedade**. Porto. 2011. p. 23-34. Disponível em: <http://www.itf.org.br/wp-content/uploads/2013/09/artigo_curso-extens%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- BARDET, Marie. Género, filosofias y danzas. **Redacción de La Tinta**, 2016. Disponível em: <<https://latinta.com.ar/2016/12/generos-filosofias-y-danzas/>>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- LAKATOS, Eva M, MARKONI, Maria de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ªed. São Paulo: Editora Atlas, 2003. p. 183.
- MESQUITA, C.; CASTILHO, K. (Org.). **Corpo, moda e ética: pistas para uma reflexão de valores**. – São Paulo: Estação das letras e cores, 2011. p. 17-26.
- OLIVEIRA, A.C. de; CASTILHO, K. (Org.). **Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo**. Barueri: Estação das letras e cores Editora, 2008. p. 69-74.
- idanca.txt. Volume 1, 2010. p. 08-17. Disponível em: <http://idanca.net/wp-content/uploads/2010/09/idancatxt_volume1.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. **Cultura e subjetividade. Saberes Nômades**, Campinas: Papyrus, 1997. p. 19-24.
- _____. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011.
- _____. Uma Insólita Viagem à Subjetividade. Fronteiras com a Ética e a Cultura. In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997. P. 25-34. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/viagemsubj-etic.pdf>>. Acessado em: 12 jul. 2017.
- _____. **A hora da micropolítica**. Goethe Institut, 2016. Disponível em: <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/rul/20790860.html>>. Acessado em: 15 out. 2017.